

Informações, representações e discursos acerca das arquitetura-ícones de Brasília: o caso da revista *Brasília*¹

Luisa Videsott

Arquiteta formada no IUAV - Istituto Universitario di Architettura di Venezia. Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Escola de Engenharia de São Carlos (EESC-USP), Avenida Trabalhador São-carlense, 400, CEP 13566-590, São Carlos, SP, (16) 3373-9294, luisa.videsott@gmail.com

Resumo

A primeira série da revista Brasília, órgão oficial de divulgação da Novacap, foi publicada de janeiro de 1957 até maio de 1963, acompanhando e descrevendo a construção da Nova Capital. Seu patrimônio iconográfico, isto é, as fotografias e a complexa linguagem visual composta pela sua diagramação e paginação, é o objeto desse artigo. Nossa reflexão visa a chamar atenção para os discursos elaborados pelo mensal da Novacap, e divulgados no ambiente culto nacional e internacional. Visa também, contextualizando a sua política editorial, a considerar o aproveitamento das suas informações na pesquisa histórica.

Palavras-chave: Brasília, mídia, Novacap.

Histórico da revista *Brasília*²

O primeiro número da revista *Brasília* saiu em janeiro de 1957 apresentando as finalidades da revista na seguinte forma:

“À administração da companhia ao providenciar aquele dispositivo [a obrigatoriedade de divulgar mensalmente os atos administrativos], pareceu de conveniência aditar ao Boletim, a que a lei se refere, algumas páginas iniciais, com a forma usual e comum de Revista, acompanhando-se nesta um noticiário, principalmente fotográfico, sobre a marcha da construção da nova capital e as informações de interesse, relativas ao mesmo empreendimento, de modo a manter o público sempre a par do que está realizando e do que se pretende fazer. Assim as seções que já neste primeiro número apresentamos, mostrando as obras em andamento, os planos urbanísticos e arquitetônicos em estudo, noticiário, opiniões etc. Quanto ao Boletim propriamente dito, este constituirá a parte final com a matéria que lhe é pertinente”³.

A lei 2.874 de 1956, de fato, criando a Novacap com estatuto de Sociedade por Ações, obrigava a própria Sociedade a “divulgar mensalmente os atos administrativos da Diretoria e os contratos por ela celebrados (...)”. Tratava-se, portanto de publicar um *Boletim* oficial que tornava pública a atuação administrativa da Novacap. No final de 1956, o professor Raimundo Nonato da Silva foi convidado para desenvolver esse trabalho de informação sobre a atuação da Novacap. Ele foi contratado em decorrência de sua experiência como jornalista e de sua amizade com o professor Ernesto Silva e com o cardeal Vasconcellos⁴. Além disso, devido a sua estadia na Itália, o professor Silva conhecia todas as línguas neolatinas [italiano, francês, espanhol, romeno] e duas línguas mortas [latim e grego]; foi-lhe, portanto requerido ajudar também nas relações públicas com o estrangeiro. Ele propôs, depois ter viajado até os canteiros da capital, integrar o *Boletim* em uma publicação mais abrangente, que pudesse informar de maneira mais compreensiva sobre a atuação da Novacap. No dia 23 de novembro de 1956 o professor foi oficialmente

¹ A biblioteca da EESC-USP (Escola de Engenharia de São Carlos - SP) possui, verdadeira raridade, a coleção completa da primeira série dessa publicação. O artigo a seguir é baseado no estudo dos fascículos dessa primeira série, pois ela corresponde ao período da edificação da cidade e aos primeiros anos de seu funcionamento como capital.

² As informações apresentadas neste parágrafo foram recolhidas durante entrevista com o professor Raimundo Nonato da Silva, realizada pela autora em 14 de outubro de 2008 no Instituto Histórico Geográfico do Distrito Federal. A entrevista não foi gravada. Mais informações sobre a atuação profissional do professor Silva encontram-se no depoimento prestado ... continua próxima página

... continuação nota 2 para o Programa de História Oral do Arquivo Público do Distrito Federal (1997).

³ Brasília n. 1. Rio de Janeiro; janeiro 1957; pág. 1.

⁴ “Foi indicado pelo cardeal dom Carlos Vasconcelos Mossi para assumir a Divisão de Divulgação. E eu fui requisitado por influência - do MEC - por influência do doutor Ernesto Silva, que era médico do meu filho. E com o qual eu já tinha trabalhado, quando havia ainda a comissão de transferência, [Comissão de Localização da Nova Capital Federal, constituída em 1953. A partir de 1955, foi denominada Comissão de Planejamento da Construção e Mudança da Capital Federal.] presidida pelo marechal José Pessoa. Aí foi o contato que eu tive com Ernesto Silva, por ele ser um bom médico, tomei conhecimento que ele existia, como um bom médico pediatra. E era médico do meu filho”. Silva, Raimundo Nonato da. Depoimento - Programa de História Oral. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1992.

⁵ Raimundo Nonato da Silva, em entrevista à autora.

⁶ Silva, Raimundo Nonato da. Depoimento - Programa de História Oral. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1992.

⁷ Alvim, Clara de Andrade. (Org.) Os cine-jornais sobre o período da construção de Brasília. Brasília: MEC – SEC – SPHAN/pro Memória, 1989.

⁸ Nonato da Silva em entrevista à autora.

⁹ Montenegro Hermano. Depoimento - Programa de História Oral. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1990.

¹⁰ Durante a década de 1954 até 1964, a revista *Manchete* declarou uma tiragem média de 550.000 cópias semanais. Pelas notas de apresentação de cada número é possível aprender sua história, a filosofia da informação adotada e os diversos estágios de melhoramento das técnicas de impressão, bem como as aquisições de equipamentos ... continua próxima página

requisitado ao então Ministério Educação e Saúde e tornou-se funcionário da Novacap. Logo depois nasceu a revista *Brasília*, que podia documentar o desenvolvimento dos trabalhos de construção da nova capital, tanto publicando as Atas da Diretoria da Sociedade, quanto anunciando as mais variadas providências tomadas pela Novacap, e ao mesmo tempo responder às perguntas que vinham sendo colocadas sobre a construção da Capital, no País e no exterior.

De acordo com o depoimento de Raimundo Nonato da Silva e com a apresentação do primeiro número da revista, de fato, a própria revista foi planejada para noticiar a respeito da construção da nova capital, mas ao mesmo tempo, para afrontar e contrabalançar as informações divulgadas pela oposição ao governo de Juscelino Kubitschek. Comprovar, isto é, mostrar o que vinha sendo feito, por meio da publicação das fotografias, dos projetos arquitetônicos e das Atas da Diretoria, servia para opor a concretude das obras realizadas às palavras das alegações da oposição⁵. Com essas duas finalidades formou-se a Divisão de Divulgação da Novacap, declara ainda Raimundo Nonato da Silva, “a qual presidi durante cinco anos, fazendo toda a história de Brasília, para sua divulgação interna e externa, com exposições nacionais e internacionais. A Divisão era ligada diretamente ao gabinete do presidente doutor Israel Pinheiro”⁶. Ainda com as mesmas finalidades foram difundidos cinejornais⁷ semanais realizados diretamente pela Novacap e pela sua Divisão de Divulgação.

Os primeiros quatro números da revista *Brasília* apresentam um projeto gráfico diferente e somente a partir do número 14 a responsabilidade da publicação é formalmente assumida por Raimundo Nonato da Silva. Assim ele justifica essa transformação:

“Inicialmente não assinava, pois a revista era produção gratuita da Novacap e os nomes não apareciam. Além disso, não quis envolver diretamente minha amizade com o professor Ernesto Silva. Logo surgiu, porém, um problema com a qualidade e o preço do papel: foi, portanto necessário formalizar e registrar o diretor responsável da revista, para se utilizar o papel de melhor qualidade, que era importado - o papel nacional era muito fraco - e mais barato. Assim, assumi a chefia da revista”⁸.

Os primeiros quatro números foram realizados tomando emprestado fotografias das revistas *Manchete* e *Cruzeiro* e da Agência Nacional; a impressão foi realizada no IBGE do Rio de Janeiro, cuja sede estava, porém longe do centro da cidade.

A partir do número 5, a revista adquiriu uma nova feição graças ao projeto gráfico de Artur Lúcio Pontual⁹, que na época [1957] curava também a revista *Módulo* e graças à requisição de dois estudantes de arquitetura, Hermano Montenegro e Amando Abreu, que assinam o layout da capa a partir do número 17. Passou-se a utilizar um novo tipo de papel e mudou-se também a casa impressora: a partir de então, a editora Bloch estampou os fascículos até o último número da primeira série, editado em 1963. A Bloch Editores era localizada no centro da cidade, e isto facilitava o trabalho de diagramação e edição. Aliás, vale a pena notar que a Bloch Editores era um império das comunicações na época; entre outras ela publicava a revista *Manchete*¹⁰, órgão de informação de massa explicitamente votado à defesa da construção da capital¹¹, e foi também a editora dos livros de memórias de Juscelino Kubitschek.

Desde o primeiro número, a revista *Brasília* apresenta uma estruturação por seções, distribuição das informações que não muda até o último número da primeira série: temos as “*Notas*”, que informam sobre a atualidade da construção da cidade, a “*A Marcha da Construção*”, relato fotográfico das obras, “*Arquitetura e Urbanismo*”, que apresenta os planos urbanísticos e arquitetônicos em estudo, “*Opiniões*”, a seção que irá ganhar mais páginas ao longo do tempo e que recolhe comentários assinados, poesias, cartas, etc. O “*Boletim*” é anexo no final da publicação.

Como dissemos, e de acordo com o depoimento de Raimundo Nonato da Silva e com as palavras de apresentação da própria publicação, a finalidade da revista era lançar e sustentar a construção da nova capital: difundir imagens e relatos da construção da cidade, e antes de tudo, mostrar o andamento das obras através da documentação fotográfica. Com essa última finalidade, a revista apresentava regularmente a seção denominada “*A Marcha da Construção*” e para isso foi contratado o fotógrafo Mario Fontenelle, cujas fotografias hoje pertencem ao Arquivo Público do Distrito Federal. O objetivo desta seção, de maneira mais específica, era contrabalançar,

... continuação nota 2 para favorecer a rapidez da informação; por exemplo, no final dos 50 adquiriu um helicóptero próprio.

11 “Manchete, revista que se faz veículo da ideologia do desenvolvimentismo no Brasil, exaltou em suas páginas o governo Juscelino Kubitschek, acompanhando sistematicamente suas realizações e de modo particular a construção de Brasília”. Costa, Helouise e da Silva e Rodrigues Renato. A fotografia moderna no Brasil. São Paulo: Cosac&Naify, 2004. Pág. 105 e 106. E Videsott Luísa. Narrativas da construção de Brasília: mídia, fotografias, projetos e história. Tese de doutorado apresentada à EESC-USP, São Carlos, dezembro de 2009.

12 Raimundo Nonato da Silva, em entrevista à autora.

13 Montenegro, Hermano Gomes. Depoimento. Programa de História Oral. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1989.

através da documentação iconográfica, as alegações da oposição ao governo JK e demonstrar que a construção da cidade ia se desenvolvendo de acordo com as promessas do Presidente e com os planos e projetos de arquitetura e urbanismo aprovados.

Com relação ao projeto gráfico da publicação, nos primeiros quatro números os textos são organizados em três colunas, de vez em quando ressaltados por molduras pretas ou separados com marcas pretas. As fotografias apresentam um formato bastante pequeno; já no número 4, na seção “*A Marcha da Construção*”, a paginação, diferente do restante da revista, em duas colunas, abre espaço para imagens mais amplas. Com a nova feição gráfica de Artur Lúcio Pontual desaparecem as molduras pretas, a paginação adquire um aspecto mais homogêneo e as fotografias dimensões maiores. A mudança mais significativa envolve a capa: a fonte do nome “*Brasília*” – em letras minúsculas - passa de um *garamond* cursivo, característico das revistas dos anos 40, para um *arial black* mais arredondado e “moderno”, e desaparece a tira em cor que diferencia e separa o título da revista.

Com relação às matérias, a seção de “*Notas*” nos primeiros números informa sobre meios de transportes, serviço de rádio para comunicações, a lista dos inscritos ao concurso para o Plano Piloto, os contratos de cessões de terra de Goiás para a União, etc. Sucessivamente, já em abril de 1957, passa a noticiar os mais variados acontecimentos, como a visita aos canteiros de obra dos estagiários do Instituto Superior de Estudos Brasileiros, as publicações de livros, os eventuais telegramas de aceitação de encargos diplomáticos, a visita do presidente do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, enquanto que, com um formato maior, informa-se sobre as inaugurações das primeiras obras, sobre o “estado da arte” das escolas para crianças, as atuações das pioneiras sociais, e todas as cerimônias que pontuaram, também nas revistas populares de massa, a propaganda presidencial em apoio a Brasília durante sua construção.

Para redação da seção “*Arquitetura e Urbanismo*” eram entregues à redação da *Brasília* as maquetes com os projetos de Oscar Niemeyer ou os desenhos de Lucio Costa, acompanhados por relatórios de autoria dos próprios¹²; os textos eram aproveitados

para escrever as matérias que acompanhavam as imagens. A colaboração com a revista *Módulo* era estreita. Em decorrência da dedicação da seção central da revista à arquitetura e urbanismo, o professor Nonato da Silva pensava a revista da Novacap como “acasalada” com a *Módulo* de Oscar Niemeyer. Em entrevista à autora, o Prof. Silva declara: “tudo o que saía da revista era em consonância com o Lucio Costa e o Oscar Niemeyer”. O depoimento de Hermano Montenegro, prestado ao Programa de História Oral do Distrito Federal, esclarece ainda mais sobre o controle exercido por Oscar Niemeyer nas matérias da revista sobre arquitetura e urbanismo.

“Eu escrevia, também, alguns textos sobre arquitetura. Tinha partes da própria Novacap, de outros setores da Novacap. E aí eram artigos que eram feitos por outras pessoas, que eu apenas enquadrava e fazia toda a paginação. (...) Tinha uma parte de arquitetura e urbanismo, eu fazia a capa junto com outro arquiteto, também, fazia o layout, enfim, e me dedicava mais à parte de arquitetura e urbanismo. Fotografias que eram feitas éramos nós que colocávamos as legendas, nós fazíamos o texto e daí o meu contato com o Oscar Niemeyer, ainda estudante, porque eu tinha que entrevistá-lo, fazer algumas perguntas a ele e colocar na revista.” (...) “E o Oscar trabalhava no Ministério da Educação e Cultura, que era muito perto, de modo que eu ia a pé mostrar a ele a revista, a capa que eu tinha imaginado e pra ele dar o approve”¹³.

Aproveitando da seção de “*Opiniões*”, nos números 4 e 6 foram publicados os projetos premiados do concurso para o plano piloto, o de Lucio Costa, o de Rino Levi e o dos irmãos Roberto. Aos poucos, outros autores começaram a colaborar, enviando matérias, poesias, avaliações, reflexões, quase todas assinadas.

A sede da *Brasília* permaneceu no Rio de Janeiro até 1959. Fotógrafos e colaboradores viajavam regularmente até os canteiros de Brasília e traziam de volta material fotográfico para publicação. Depois da mudança da sede da revista para Brasília, em 1959, a própria revista continuou ainda sendo editada no Rio pela editora Bloch, pois em Brasília não havia condições e recursos para sua produção e distribuição.

Dessa última, cuidava o senhor Fernando Chinaglia. A revista era gratuita e destinada aos assinantes: 5.000 cópias no interior – bibliotecas, universidades, colégios – e 1.000 cópias no exterior – principalmente as embaixadas; sendo empreendimento governamental e visando uma informação objetiva e à margem dos conflitos políticos, a Divisão de Divulgação não aceitava propagandas comerciais ou políticas; da mesma forma, os fascículos não eram enviados para expoentes políticos, como governadores ou prefeitos. Nunca a revista foi às bancas de jornal: os custos de publicação pertenciam à Novacap, e os colaboradores da Divisão de Divulgação eram funcionários da mesma.

O Boletim, no final de cada fascículo, difundia as atas da diretoria da Novacap, os contratos celebrados com as diferentes empreiteiras, os empréstimos obtidos, as obrigações emitidas, etc.

Supostamente tudo o que fez a Novacap consta no Boletim da Diretoria anexado a cada número da revista *Brasília*. Valeria portanto a pena analisar com atenção esta parte do jornal; talvez isso permita juntar mais um detalhe ao quadro geral da história da construção da cidade. Já Ronaldo Costa Couto, em seu livro *Brasília Kubitschek de Oliveira*, de 2002, utiliza-se desta bibliografia, junto aos depoimentos orais recolhidos. Ele tenta documentar os custos enfrentados pela União para a edificação da capital. Poderíamos também utilizar o Boletim para reconstruir o perfil da própria Novacap, isto é, os poderes com os quais atuava e mandava, além de comentar, como já fez Costa Couto, a complexidade da sua gestão financeira. Aliás, cabe observar que, graças à formulação da lei 2.874 de 1956 Juscelino Kubitschek constituiu por decreto-lei a Sociedade por Ações da Companhia Urbanizadora, agilizando desta forma os trabalhos de construção da Nova Capital¹⁴; o fato da própria Novacap ser Sociedade por Ações permitiu-lhe emitir obrigações que envolvessem as terras da União, contratar empréstimos no exterior, etc., em suma, gerir o dinheiro público com uma liberdade única¹⁵ e especificamente criada para realizar a cidade dentro do cronograma determinado pelo Presidente e pela conjuntura política. Aliás, segundo consta no livro de memórias de JK, *Por que construí Brasília*, a própria lei 2.874, foi o passo político, ou o requisito fundamental, que permitiu realizar a capital no prazo estabelecido¹⁶, conferindo

liberdades absolutas à Novacap mas ao mesmo tempo preservando o respeito da presidência para as regras da democracia.

Voltemos à revista *Brasília* e à atuação da Divisão de Divulgação da Novacap.

A revista, seu ambiente

Para memória e documentação, a Divisão fez um trabalho de arquivamento de recortes de jornais cotidianos nacionais e estrangeiros com matérias referentes à construção da cidade. Colaboravam no trabalho de fichamento dos cotidianos, sob a direção de Nonato Silva, Nélio Pinheiro, Hermano Montenegro, Armando Abreu, Marlene Bruno da Silva, Poesia Campos Seixas e Petrônio Canabrava. Hoje, a maioria desses volumes – os originais – acham-se no Instituto Histórico Geográfico do Distrito Federal, “que é o legítimo sucessor da antiga e primitiva Divisão de Divulgação da Novacap”¹⁷. Porém, infelizmente, a série, que se compunha de 74 livros, hoje não é mais completa: inicia-se em 1958 e chega até março de 1962, faltando os livros referentes ao período de fevereiro até maio de 1959. Vale a pena salientar o esforço da Divisão para criar um patrimônio de documentos escritos que permitissem conservar a história da construção da cidade. Os fascículos recolhem, cotidianamente, notícias e opiniões sobre a construção da nova capital sem distinção de mérito. A diversificação das qualidades das informações, eventualmente, pode ser comentada observando a escolha dos títulos dos jornais arquivados. Todavia, lê-se na criação desse arquivo a intenção de criar um registro que permita conhecer quem, onde e quando escreveu, aprovando ou contestando, a edificação de Brasília. Lê-se também o intento de aparelhar todos os instrumentos para conservar uma memória sobre a construção da Capital; esse aspecto ainda mais emerge se observamos, no conjunto, os recortes arquivados, as matérias publicadas na seção “*A Marcha da Construção*” da revista *Brasília* e a qualidade e quantidade das fotografias e reportagens realizadas por Mario Fontenelle. A Divisão de Divulgação em 1958 incorporou o pessoal da Rádio Nacional¹⁸. Nesse tipo de intervenções lê-se o esforço conjunto de propaganda e de constituição de um acervo de informações e testemunhos para compor uma memória, possivelmente fiel e objetiva, da construção de Brasília.

¹⁴ Kubitschek, Juscelino. Por que construí Brasília. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1975.

¹⁵ Em novembro de 1956, por exemplo, a Novacap “tomou decisões como a dispensa de concorrência pública – substituída para a concorrência administrativa – para a construção da estrada Brasília-Anápolis; (...) dispensa da concorrência administrativa – trocada por administração contratada – para a construção do Hotel de Brasília, da residência presidencial, do aeroporto e da sede e escritório da própria Novacap”. Costa Couto, Ronaldo. *Brasília Kubitschek de Oliveira*. Brasília, Record Editora, 2001, pág 102.

¹⁶ Kubitschek, Juscelino. Op. Cit.

¹⁷ Silva, Raimundo Nonato da. Depoimento - Programa de História Oral. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1992.

¹⁸ Raimundo Nonato da Silva, em entrevista à autora, realizada em 14 de outubro de 2008 no Instituto Histórico Geográfico do Distrito Federal.

¹⁹ Relembramos que a revista era distribuída gratuitamente nas embaixadas brasileiras no exterior, além das bibliotecas e das demais instituições culturais nacionais.

²⁰ O Centro foi criado em início de 1958; operava com sede no prédio do Ministério de Educação e Cultura no Rio de Janeiro. In: Noticiário da Revista Módulo n. 11, dezembro de 1958.

²¹ Exposição permanente de Brasília. Seção arquitetura e urbanismo. Revista Brasília n. 13, janeiro de 1958.

²² Noticiário da Revista Módulo n. 11, dezembro de 1958.

²³ Centro de Estudos Brasília. In: Noticiário da Revista Módulo n. 11, dezembro de 1958.

²⁴ Costa, Helouise e da Silva e Rodrigues Renato. A fotografia moderna no Brasil. São Paulo: Cosac&Naify, 2004.

²⁵ Martins, Wilson. História da Inteligência brasileira. São Paulo: Editora Cultrix-Edusp. 1979, volume 7 pág. 217-302. Cotado in: Rastelli, Enrico. Org. Nosso Século. 1945/1960 A Era dos Partidos. São Paulo: Abril Cultural. 1980.

²⁶ Costa Helouise e Rodeiguez, Renato. Op.Cit.

²⁷ Apud: Fausto, Boris. História do Brasil. São Paulo: Edusp, 1994.

²⁸ Nos anos 60 a taxa passou para 33,37%, as matriculas no ensino primário para 28,8% e aquelas no ensino médio para 4,54% das crianças e dos adolescentes. Lourenço Filho, M. B. Redução das taxas de analfabetismo no Brasil entre 1900 e 1960: descrição e análise. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro, v. 44, n. 100, p. 250-272, out./dez. 1965; Fundação IBGE, Séries Estatísticas Retrospectivas, 1970. www.ibge.gov.br.

²⁹ De Melo, José Marques. Comunicação, opinião, desenvolvimento. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

As “atividades promocionais” em apóio a Brasília abrangiam também a difusão de informações sobre a construção da nova capital no exterior. A revista *Brasília* foi criada, entre outras finalidades já lembradas e comentadas, para ajudar nas relações públicas com o estrangeiro, que na época tinha muita curiosidade, em especial sobre a formação do lago e a questão imobiliária¹⁹. Pretendendo apresentar as obras ao mundo, junto ao *Centro de Estudos Brasília* (C.E.B.)²⁰, a Divisão organizou uma *Exposição Brasília*, exibindo as maquetes dos prédios da futura capital²¹; cuidou também de transportá-la em diferentes cidades européias e norte-americanas; O C.E.B., por sua parte, participou dos preparativos do Congresso Extraordinário da Associação Internacional de Críticos de Arte²². Nesse âmbito, durante o ano de 1958, Mario Pedrosa teria ministrado uma palestra sobre o tema: “*A cidade nova e a síntese das artes*”²³; o título da palestra antecipando, é evidente, o tema do futuro Congresso que vinha sendo elaborado. Aliás, nesse contexto, o próprio Congresso Internacional Extraordinário da A.I.C.A. pode ser entendido como uma expressão da propaganda cultural e internacional em prol da construção da capital.

Ainda com o intento de documentar e construir uma memória, a Divisão organizou enfim a edição da *Coleção Brasília*, que se compõe das seguintes publicações: *Brasília*; *Diário de Brasília*; *Brasília e a Opinião Nacional*; *Brasília e a Opinião Estrangeira*; *Antecedentes Históricos*; *Congresso Nacional e Brasília*.

Vale a pena refletir sobre o fato da Novacap ter eleito como veículo de informação nacional e internacional uma revista ilustrada, isto é vale a pena pensar sobre a popularidade e a eficácia comunicativa do próprio meio [a revista ilustrada] no Brasil e no mundo afora.

Na década de 50, no Brasil, a expansão da classe média, a progressiva urbanização da população brasileira e o estabelecimento das instituições democráticas influenciaram justamente a feição dos meios de comunicação²⁴: os jornais e revistas modernizaram suas gráficas e seus estilos e assistimos à introdução da impressão em cores; criaram-se os suplementos literários, para os quais colaboravam expoentes da inteligência artística e literária (o *Jornal do Brasil* contou, por exemplo, com a colaboração de

Ferreira Gullar e Carlos Drummond de Andrade²⁵); explodiram as publicações de jornais em quadrinhos e de fotonovelas. Em 1952 foi fundada a revista *Manchete*, que rapidamente alcançou em termos de notoriedade e vendas os mesmos sucessos da *O Cruzeiro*, publicação já estabelecida desde 1928 e responsável nos anos 40 pela introdução do fotojornalismo no Brasil²⁶. Em 1955 foi fundada também a revista *Módulo*.

Nessa década as revistas ilustradas foram objeto de renovações gráficas que privilegiaram a linguagem visual: as paginações procuram evocar, com as fotografias e as palavras, as sequências cinematográficas desfrutando o tamanho das imagens, seus encadeamentos e as repercussões das legendas e das manchetes; de forma geral, as fotografias tornam-se justamente as protagonistas da elaboração das notícias nesses meios populares e de massa.

O fato de no Brasil, ainda nos anos 50 e 60 se utilizar dos cotidianos, das revistas ilustradas e da imprensa dita de massa para a divulgação dos conteúdos mais diferenciados, inclusive para manifestações literárias ou artísticas – vamos lembrar que muitos texto-chaves do Movimento Moderno vieram ao mundo justamente nos cotidianos do Rio de Janeiro e de São Paulo - depende, entre outros fatores, da magnitude do território nacional e das carências estruturais da época: tanto a indústria e a distribuição de livros eram insuficientes quanto a porcentagem de população brasileira com uma escolarização superior era restrita. De acordo com o Censo de 1950, 53,9% dos homens e 60,6 % das mulheres eram analfabetos²⁷. Ainda nos anos 50, a taxa de escolarização da população nacional era de 26,15%; aqueles que se matriculavam no ensino primário eram 3,53% da população em idade escolar (de 5 a 19 anos) e os que se matriculavam no ensino médio representavam 2,5% da mesma²⁸. Esse contexto ajuda a configurar e averiguar um ambiente reduzido de artistas, intelectuais, políticos, educadores, jornalistas, fotógrafos que falavam uma mesma linguagem letrada²⁹; apesar de dividido em frentes políticas diferentes e conflitantes, defendendo os interesses da velha e da nova classe média ou da classe média urbana ou da rural, esse grupo participava da vida pública, artística e política, aliás, utilizou-se das revistas [*O Cruzeiro* e *Manchete*, por exemplo] para participar dela³⁰. Em outras palavras,

no Brasil os meios de comunicação ditos de massa simultaneamente são meios de conversação dentro de uma classe letrada e meios de divulgação para um público vasto e disperso, sobretudo com instrumentos de recepção e compreensão extremamente diferenciados. Disso deriva nosso interesse pela revista *Brasília*, por ela ter sido a expressão oficial da Novacap, por ela ser uma publicação que conserva memórias - atas, acontecimentos oficiais, etc. - e por ela ter sido veículo de informação sobre a construção de Brasília no mundo afora e, sobretudo, por ela ter divulgado um patrimônio amplo de fotografias sobre a construção da nova capital.

Enfim, cabe pensar que as sedes das revistas *Manchete*, *O Cruzeiro*, *Brasília* e *Módulo* eram no Rio de Janeiro e visivelmente jornalistas e patrocinadores influenciaram-se uns aos outros, tanto na escolha dos conteúdos dos textos quanto nas feições das fotografias³¹. De fato, frequentemente as reportagens da semana nas duas revistas de massa eram dedicadas aos mesmos assuntos, refletiam sobre as mesmas tensões e preocupações políticas; repetidamente as matérias da revista *Brasília* eram reelaborações ou até antecipações das reflexões da *Módulo* acerca de arquitetura e artes visuais. Isso permite entender a facilidade com as quais repórteres e fotógrafos prestavam as suas colaborações a diversos títulos e/ou por que as revistas ilustradas fossem utilizadas pela inteligência³² brasileira para divulgar as opiniões delas; essa situação fez com

que se divulgaram textos, opiniões e fotografias extremamente homogêneos acerca da construção da Capital³³.

As seções "Arquitetura e Urbanismo" e "A Marcha da Construção" da revista *Brasília*

Como dissemos na apresentação geral da revista, a seção "*Arquitetura e Urbanismo*" era realizada com as fotografias das maquetes, os desenhos e os relatórios que Oscar Niemeyer e Lucio Costa entregavam diretamente à revista; a seção "*A Marcha da Construção*" era realizada com as reportagens de Mario Fontenelle e, ocasionalmente, com aquelas de Marcel Gautherot. Conforme os depoimentos de Hermano Montenegro e Raimundo Nonato da Silva, sabemos que Oscar Niemeyer controlava essa parte da revista. Relembra Hermano Montenegro:

*"E eu trabalhava no prédio da Almirante Barroso, que era ali próximo. [Ao MEC]. (...) E o Oscar, eu levava sempre antes da revista ser editada, eu levava o boneco da revista para o Oscar verificar. (...) E houve umas coisas que eu fiz, ele gostou, algumas cartas, algumas apresentações, de uma maneira muito diferente ele achou interessante e chegou a elogiar"*³⁴.

Vamos, portanto observar a diagramação da revista *Brasília*.

³⁰ Videsott, Luisa. Narrativas da construção de Brasília: mídia, fotografias, projetos e história. Tese de doutorado apresentada à EESC-USP, São Carlos, dezembro de 2009.

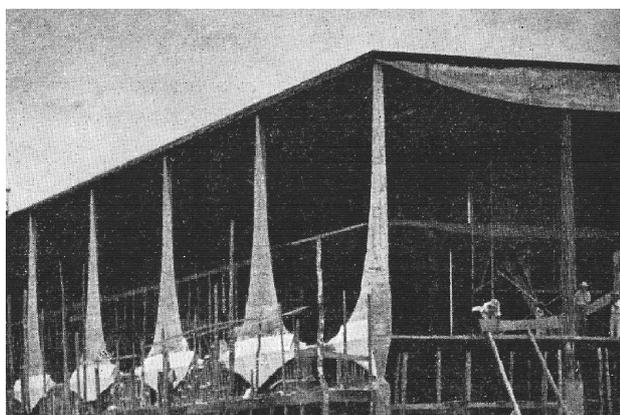
³¹ Videsott, Luisa. Op.Cit.

³² Lucio Costa, Mario Barata, entre outros, publicaram suas observações na revista *Manchete*. Gilberto Freyre, Pedro Calmon, Raquel de Queiroz, por exemplo, assinavam semanalmente a revista *O Cruzeiro*.

³³ Videsott, Luisa. Op.Cit.

³⁴ Montenegro, Hermano Gomes. Depoimento. Programa de História Oral. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1989.

Figura 1: Palácio da Alvorada em construção. Fonte: fotografia da esquerda: revista *Brasília* n. 9, Rio de Janeiro, setembro de 1957; fotografia da direita: Tamanini, L. Fernando - Brasília: memória da construção - Vol 1 - Brasília: Projecto Editorial 2003, segunda edição.



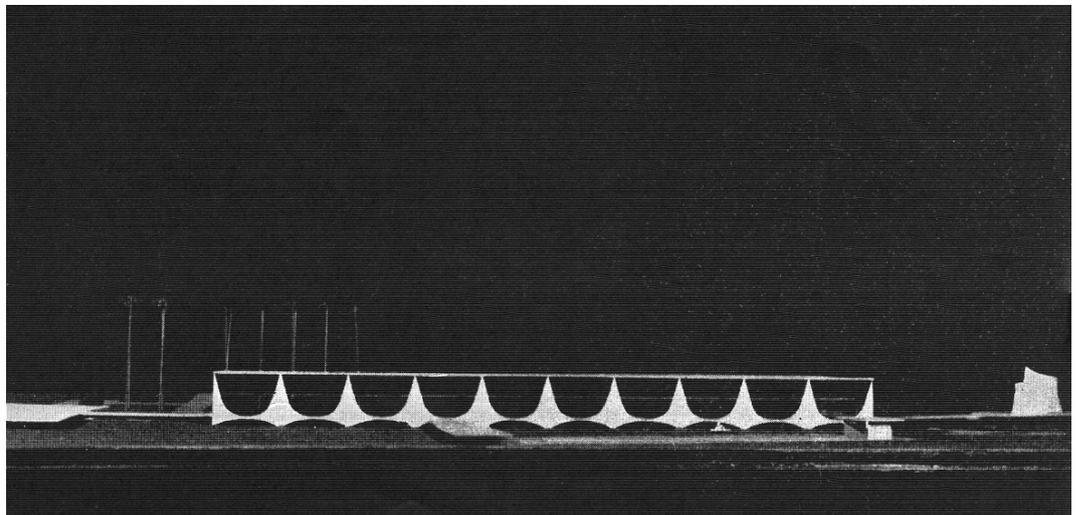


Figura 2: Fachada posterior do Palácio da Alvorada, em fase de acabamento. Abaixo maquete do mesmo edifício permitindo uma comparação entre o projeto e a realidade. Fonte: revista *Brasília* n.14, de fevereiro de 1958.

³⁵ Tamanini, L. Fernando. Brasília: memória da construção. Vol 1 e 2. Brasília: Projecto editorial 2003, segunda edição.

Uma fotografia do palácio da Alvorada em construção é publicada no número 9 da revista Brasília em setembro de 1957 e, segundo consta no colofão, provavelmente é um instantâneo de Mario Fontenelle que pertence ao Arquivo Público do Distrito Federal. Mas a imagem ali publicada é um recorte: a fotografia inteira é reproduzida no livro de Fernando Tamanini³⁵.

A diagramação da revista da Novacap retira uma parte considerável da imagem fixada no negativo; alinha o pé-direito da coluna em primeiro plano com a nova moldura e o recorte isola os elementos do edifício que naquele momento interessava publicar. Visivelmente, a nova imagem esforça-se

para repetir as linhas e as proporções dos desenhos do anteprojeto de Oscar Niemeyer.

Esse tipo de intervenção que altera ou condiciona a apreensão das informações das imagens é freqüente na revista da Novacap. Propomos em seguida outros dois exemplos, ambos modelos de soluções gráficas que muitas vezes foram aplicadas nas páginas da *Brasília*. O primeiro apresenta uma paginação que compara as maquetes dos prédios com as obras em fase de realização e/ou concluídas; o segundo é a sobreposição dos riscos de Oscar Niemeyer aos edifícios realizados. Esse segundo expediente foi utilizado para a capa da própria revista.

A paginação convida a não observar a fotografia na sua integridade; desloca a nossa atenção para as correspondências entre o projeto e o edifício praticamente ultimado e a sua legenda quase impede de observar as obras que ainda estão se realizando na frente da mansão e que a própria fotografia testemunha. Observando com um maior cuidado a imagem, notamos que o plano onde estacionam os três caminhões é notavelmente mais baixo com relação à superfície horizontal [o atual gramado] da qual nas fotografias posteriores, como atesta a figura 3 a seguir, eleva-se o Palácio da Alvorada.

Interessa às nossas especulações refletir de qual maneira essas fotografias (ou a seqüência de imagens) podem ser aproveitadas na pesquisa histórica, uma vez que elas foram exploradas pelos meios de comunicação de massa.

Vamos rapidamente refletir – e distinguir - sobre as qualidades próprias do meio fotográfico e sobre aquelas dos meios que as divulgam. Em primeiro lugar, a fotografia é intrinsecamente equívoca: a simultaneidade entre o acontecimento e o seu registro constitui a sua essência, mas justamente da coincidência entre a imagem e a ocorrência decorre a sua complexidade e a sua ambiguidade. A sua comunicação oscila entre o território das certezas, quando é a prova de que algo aconteceu, mas é vinculada à subjetividade do seu produtor e à casualidade do seu ponto de observação. Produto da cultura positivista, ela foi “encomendada até para substituir os livros de história e de apresentar

uma visão direta do presente como do passado”³⁶, todavia, ela fala mais de “mentalidades, emoções, hábitos, afetos, etc, de tudo o que de mais impalpável a história transmite”³⁷ e observa que, quase uma ironia, justamente as fotografias aproveitadas pela pesquisa histórica fizeram emergir uma multiplicidade de elementos que até então eram panos de fundo nos relatos da “história oficial”, “os excluídos de sempre: operários, camponeses, crianças, mulheres, idosos, os ambientes e os objetos da cultura material”³⁸.

Usar as fotorreportagens como fontes para a pesquisa histórica e avaliar seus efeitos na qualidade das informações coloca, inda por cima, o problema de se entender o enredado conjunto das qualidades das informações e dos interesses dos produtores das próprias informações. Gabriele D’Autilia sugere se diferenciar entre as finalidades das imagens e o uso que a história fez delas (inclusive os meios de comunicação de massa).

Observemos assim com renovada atenção a fotografia do Palácio da Alvorada publicada no livro de Tamanini e a sequência de imagens acima proposta. Repare-se nos níveis do solo e naqueles das construções: as bases das colunas apóiam nos andaimes de madeira, provavelmente sobre pilares e/ou prolongamentos da estrutura do piso enterrado. Interessa aqui ressaltar alguns detalhes que a imagem documenta: o terreno era marcado por uma suave encosta, a qual foi nivelada acrescentando-lhe terra. A fotografia atesta também que o Palácio da Alvorada foi enterrado: aproximadamente 1,40 metros, segundo afirma

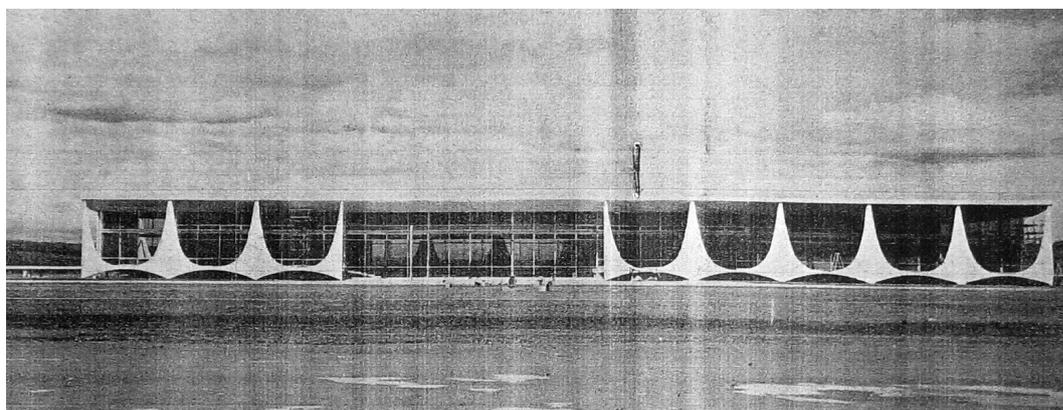
36 D’Autilia Gabriele. L’indizio e la prova. La storia nella fotografia. Milano, Bruno Mondatori, 2005.

37 D’Autilia Gabriele. Op.Cit.

38 D’Autilia Gabriele. Op.Cit.

39 Porto Sergio em entrevista conjunta ao professor Joubert José Lancha e à autora no dia 2 de setembro de 2009. A entrevista é publicada neste número da Revista Risco.

Figura 3: Palácio da Alvorada ultimado. Fonte: Foto publicada pela revista *Brasília* n.19, de julho de 1958.



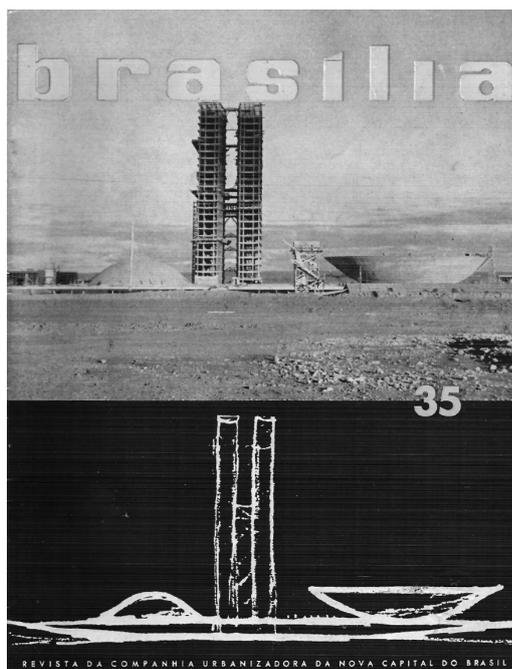
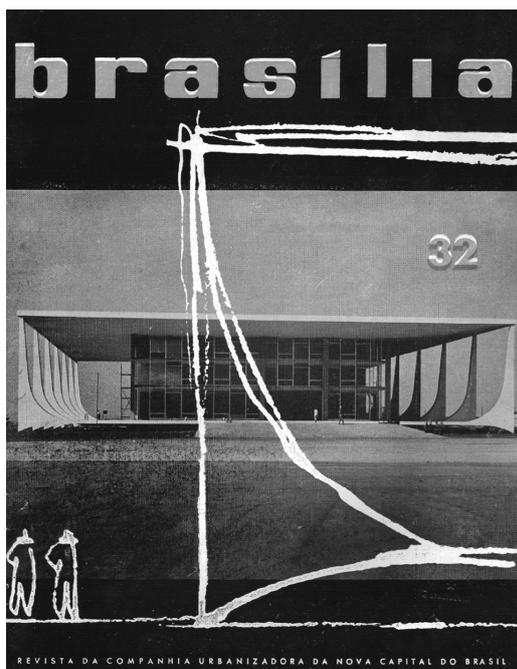


Figura 4: À esquerda, capa da revista *Brasília* n.32, de agosto de 1959. À direita, capa da revista *Brasília* n.35, de novembro de 1959.

⁴⁰ Delcídes, Abadia Silva. *Depoimento*. Programa de História Oral. Brasília: Arquivo Público do Distrito Federal 1990.

⁴¹ Cabe lembrar, todavia, que o próprio Oscar Niemeyer acrescentava à mesma asserção que a arquitetura previamente exige “a integração do arquiteto com os problemas do trabalho a executar”. Só depois do conhecimento dos “problemas de natureza do terreno, de ambiente, de sentido econômico que ela representa, de orientação, etc.” surge a “solução” que precisa de exame sucessivo para verificar “se atende ao programa fornecido, se os técnicos do concreto armado aceitam o sistema estrutural imaginado, se o dimensionamento corresponde às seções fixadas, se tudo pode funcionar bem”. Niemeyer, Oscar. *Conversa de arquiteto*. Rio de Janeiro: Editora Revan, UFRJ Editora, 1993.

Sergio Porto³⁹. Encontramos confirmação sobre o fato de que houve uma consistente movimentação de terra ao redor do Alvorada no depoimento de um caminhoneiro do Programa de História Oral do Distrito Federal.

“Também trabalhei do começo ao fim na barragem do Paranoá. Aí nessa época foi quando surgiu, tava construindo o Palácio da Alvorada, eu já trabalhava com máquina DW-21, aí eu fazia o transporte de terra, terra preta vegetal, da barragem do Paranoá para aquele jardim do Palácio da Alvorada. Inclusive dava uma volta numa máquina por dia, pelo Núcleo Bandeirante, pra levar até o Palácio da Alvorada, por dia, uma máquina! Uma viagem por dia!”⁴⁰.

As fotografias acima propostas testemunham que os planos horizontais que cercam a residência do Presidente em Brasília foram elevados e o edifício foi parcialmente enterrado; as encadernações e a diagramação, uma vez reconhecido o trabalho do programador, confirmam, entretanto a importância das superfícies planas que cercam o Palácio da Alvorada. Enfim, a leitura conjunta das informações guardadas pelas fotografias e daquelas que foram excluídas pela informação visual da revista *Brasília*

levantam questões – e/ou hipóteses de pesquisa – sobre a construção do Palácio e sobre a obra do seu arquiteto, isto é: sobre a importância das superfícies horizontais na economia do projeto e chama atenção para a relevância do aspecto visual da arquitetura na obra de Oscar Niemeyer em Brasília.

Prossigamos a observar a informação visual acerca da construção da Capital realizada pela revista *Brasília*.

Recorrentemente, as capas da revista da Novacap foram o resultado de fotomontagens realizadas com a sobreposição dos riscos de Oscar Niemeyer às fotografias das obras realizadas foi muito explorada. Aliás, a montagem parece traduzir visualmente a opinião que Oscar Niemeyer defendia em 1993, com 86 anos: “De um traço nasce a arquitetura. E quando ele é bonito e cria surpresa, ela pode atingir, sendo bem conduzida, o nível superior de uma obra de arte”⁴¹.

Esse tipo de capa marcou a divulgação da revista mensal em 1959. A sua abundância parece colaborar para divulgar mensagens específicas e positivas em resposta às muitas polêmicas que cercavam, naquele

42 Apud: Fausto, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1994.

43 "Em consequência da inflação, em 1958 cada nota de Cr\$ 100 passou valer apenas Cr\$ 75. E o processo inflacionário "comeu" Cr\$ 1.200 em cada salário de Cr\$ 5 mil." Repórter Manchete. No timão do barco financeiro, foi colocada uma edição mineira do personagem voltaireano: José Maria Alkmin. *Manchete*. Rio de Janeiro: 1/2/1958.

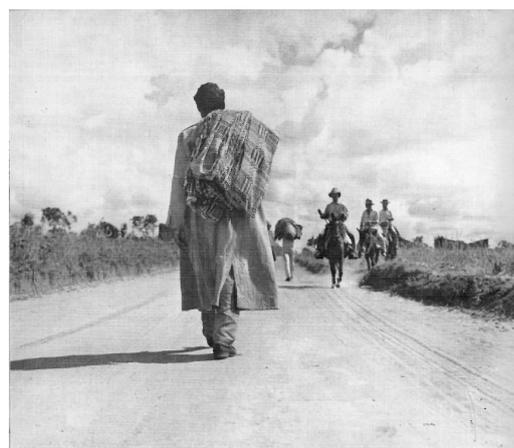
44 "Será constituída uma CPI sobre o orçamento da PDF; inquérito de Dulce Magalhães relativamente a enxertos de verbas orçamentárias." *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 10/06/1958. "Frente nacionalista exige maior rigor na fiscalização das verbas da união. "CPI para apurar as ... continua próxima página

Figura 5: Esquerda - Fotomontagem na contracapa da revista *Brasília* n.25, 29 de janeiro a abril de 1959. Direita - Trabalhador chegando a pé a Brasília. Fonte: Foto publicada na revista *Brasília* n.6, de junho de 1957.

momento, o governo de Juscelino Kubitschek. Lembremos brevemente que em 1958 demitiu-se o então Ministro da Fazenda, José Maria Alkmin. A política econômica dos nacionalistas insistia na necessidade de só aceitar empréstimos de capital estrangeiro com muitas restrições, pois, omitindo as outras considerações, a remessa de lucro iria para o exterior, mas o governo de JK assumiu abertamente a necessidade de atrair capitais estrangeiros, concedendo-lhes grandes facilidades; o balanço de pagamentos, que fora quase equilibrado em 1955 e 1956, apresentou em 1957 um déficit de 286 milhões de dólares e a inflação atingiu seu nível mais alto em 1959, com uma variação de 39,5%⁴². Boris Fausto, no livro *História do Brasil*, Ronaldo Costa Couto, no livro *Brasília Kubitschek de Oliveira*, e uma matéria da revista *Manchete*⁴³ publicada na época noticiam sobre a impressão de papel-moeda para enfrentar os problemas financeiros. Em setembro de 1958, na revista *Manchete* apareceram também algumas matérias que mostram preocupação com a pobreza dos trabalhadores das obras de Brasília; talvez espelhassem os murmúrios e as negociações que visavam ao estabelecimento de uma CPI a respeito de enxertos de verbas orçamentárias, acusando a gestão de Israel Pinheiro e a construção de Brasília⁴⁴. Em outubro de 1958, disputaram-se

também as eleições para 10 governadores e para a renovação do Parlamento. Em meados de 1959, enfim, JK rompeu com o FMI⁴⁵. Entre os assuntos que foram causas de polêmicas, de acordo com um depoimento de Lucio Costa⁴⁴, estava igualmente a correspondência e coerência entre o plano inicial para a nova capital e a sua realização.

Apresentamos aqui à esquerda a cópia da contracapa que a revista reutilizou varias vezes em seguida ainda durante o ano de 1959. Sobrepondo a fotografia de 1957 de um candango chegando a pé a Brasília (imagem à direita) com as recentes fotografias de uma superquadra e com o esquema inicial de Lucio Costa, evidencia uma retórica importante que foi divulgada também pelas revistas populares, acerca dos tempos extraordinários de realização da cidade e da excepcionalidade da cidade em si, edificada no meio do nada. Chama atenção ao mesmo tempo para os discursos sobre habitação social propostos pela memória descritiva do Plano Piloto de Lucio Costa, discursos que, reinterpretados, foram propostos e explorados pelas revistas populares e pela propaganda dos cinejornais durante a construção da cidade e que seria interessante analisar mesmo pelos efeitos que causaram nas críticas à cidade.



... continuação nota 44 denúncias de Alberto Bittencourt contra a administração do sr Israel Pinheiro." *Diário da Tarde*. Belo Horizonte. 10/06/1958. "Quanto está custando Brasília?" *A Gazeta*. São Paulo. 7/05/1958. "Governo não pode desmentir os escândalos de Brasília". *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro. 22/05/1958. Boris Fausto também alega que "Carlos Lacerda encabeçou o pedido de constituição de uma Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar irregularidades na contratação das obras de Brasília". Fausto, Boris. Op.Cit.

45 Fausto, Boris. Op. Cit e Couto, Ronaldo Costa. Op cit.

46 "Não é verdade ter eu admitido que os realizadores de Brasília desfiguraram quase por completo minha idéia. Pelo contrário. (...)" Costa Lucio. Manchete. Rio de Janeiro: 15/6/1963 pág. 28.

47 Raimundo Nonato da Silva, em entrevista à autora, realizada em 14 de outubro de 2008 no Instituto Histórico Geográfico do Distrito Federal.

Enfim, as últimas figuras chamam atenção para a importância das capas da revista, sobretudo se remetidas aos seus contextos políticos. Se relembrarmos que as bibliotecas, as universidades, os colégios e as embaixadas brasileiras no exterior⁴⁷ eram o alvo da publicação mensal da Novacap, entendemos melhor a função estratégica das suas capas: mesmo que simplesmente expostas nas estantes ou nos gabinetes dos representantes diplomáticos, o frontispício teria transmitido informações importantes sobre a construção da nova capital do Brasil. Dessa forma, justamente explorando as estratégias comunicativas e visuais, naquele momento histórico, a revista da Divisão de Divulgação almejava defender a construção da capital e ajudar o governo de JK. Aliás, a própria revista foi fundada, como vimos e de acordo com o depoimento de Raimundo Nonato da Silva, justamente com esse pressuposto.

Enfim, as declarações realizadas pela linguagem visual da revista *Brasília*, quando inseridas no clima conflitante que acompanhou a construção da cidade, adquirem contornos políticos e instrumentais cujas consequências poderiam ser objeto de ulteriores avaliações.

É importante assim destacar que quando as fotografias entram nos meios de comunicações de massa incorporam e se enriquecem de mais conteúdos e mensagens. Já discutimos o quanto, nas revistas ilustradas, a leitura das fotografias é parte de um texto mais rico e complexo; manchetes e legendas, sobretudo, estabelecendo os diálogos mais importantes com os leitores e direcionando a apreensão dos conteúdos da linguagem visual. Do mesmo modo, superando as barreiras do analfabetismo e as das fronteiras nacionais, as fotografias difundem informações para além dos limites linguísticos.

Interessa aqui observar o discurso sobre arquitetura que esse tipo de informação acaba construindo.

Mediante a comparação das imagens tomamos conhecimento de uma informação visual, elaborada pela revista da Divisão e Divulgação da Novacap, que visa a espalhar uma seleção de informações sobre a cidade e os seus edifícios representativos, inclusive durante a sua construção. De forma geral, sugerindo a comparação direta entre o projeto inicial [isto é, os riscos ou as maquetes] com as obras em construção ou realizadas, as colagens provocam uma leitura que afirma a correspondência rígida entre a intuição inicial e a sua realização, visando responder às polemicas ou aos conflitos da época.

Porém, omitindo os processos de aperfeiçoamento do próprio projeto e todas as intervenções e as obras necessárias para as suas construções, preservam uma idéia de arquitetura, mesmo durante a sua construção, como ato criativo concluído em si, que incorpora os processos de aperfeiçoamentos e de execução. Em outras palavras, as justaposições, as sobreposições e os recortes das fotografias afirmam e divulgam uma ideia de arquitetura que nasce de um gesto criador que solucionaria todos os problemas, aqueles de ordem estético e formal, aqueles do funcionamento interno do edifício e também os da construção.

Entendemos assim que essas fotografias, mais precisamente, a complexa linguagem visual da revista *Brasília*, foi veículo notável, tanto para divulgar no mundo o projeto de Brasília, quanto para incorporar à classe intelectual brasileira conteúdos importantes acerca da nova capital. Hoje, tanto a análise da linguagem visual da revista quanto seus conteúdos podem ajudar na revisão crítica do projeto de Brasília e, de modo geral, na reflexão sobre o imaginário e a imaginação da modernidade.

Information, representations and discourses about the iconic architecture of Brasilia: the case of *Brasília* magazine

Luisa Videsott

Abstract

The first series of the magazine *Brasília*, the official dissemination of Novacap, was published from January 1957 to May 1963. Its iconographic, that is his photographs and the complex visual language articulated by its graphics, is the subject of the following article. It aims to draw attention to the speeches monthly distributed by the Novacap among the national's erudite readers and abroad. It is also proposes, conceptualising its editorial policy, to consider the possibility of the use of its information in historical research.

Keywords: Brasília, mídia, Novacap.

Información, representaciones y discursos sobre la arquitectura icónica de Brasilia: el caso de la revista *Brasília*

Luisa Videsott

Resumen

La primera serie de la revista Brasilia, órgano oficial de Novacap se publicó desde enero de 1957 hasta mayo de 1963, acompañando y describiendo la construcción de la nueva Capital. Su patrimonio iconográfico, es decir, las fotografías y el lenguaje visual compleja compuesta por su diseño y paginación, es el objeto de este artículo. Nuestro debate tiene como objetivo llamar la atención sobre los discursos pronunciados por La revista mensual de Novacap, y divulgados en el medio ambiente culto a nivel nacional e internacional. Visa también contextualizar su política editorial, al considerar el uso de su información en la investigación histórica.

Palabras clave: Brasília, mídia, Novacap.